

Vicente e Dora: a filosofia da mitologia no *Diálogo do Mar*

Constança Marcondes Cesar

O *Diálogo do Mar*, primeiro de um grupo de textos intitulados como *Diálogos Filosóficos*, na edição das *Obras Completas* de Vicente Ferreira da Silva¹ e também presente no seu *Dialética das Consciências e outros ensaios*², editado por Antonio Braz Teixeira³, que selecionou, organizou e fez o prefácio da edição portuguesa – foi escrito na Praia Grande, litoral de São Paulo, em 1962.

Faz parte dos textos tardios de Vicente, precedendo apenas de um ano sua trágica morte em um acidente de carro, em estrada que liga São Paulo a Santos. Corresponde, na sua obra, ao momento de reflexão mais original que, a partir da década de 50, marcou uma profunda mudança especulativa em sua filosofia, tendo como fulcro a proposição de uma *Filosofia da Mitologia*, na qual a meditação sobre a linguagem vai priorizar o *mito* em relação ao *logos*, como via de acesso à transcendência, ao Ser, ao divino, representado de modo simbólico: “Deus, através da sua palavra criadora, está-nos continuamente arrancando do bárbaro da materialidade (...)”⁴.

O relato mítico-religioso, expressão da “palavra original e fundadora”, assim como a poesia, a filosofia, a arte – possibilitam-nos transcender o mundo natural; são “um convite ou incitamento para a transcendência, (...) [são] elementos de emancipação e liberdade”⁵.

Meditação sobre o Ser, o mito e o sagrado, a filosofia da mitologia de Vicente Ferreira da Silva mostra o homem como um princípio derivado ou subordinado ao Ser que abre, em cada época histórica, as possibilidades da realização do mundo e do homem.

¹ FERREIRA DA SILVA, V. *Obras Completas*. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia, vol. 2, 1966, p. 493-507.

² Id.. *Dialética das Consciências e outros ensaios*. Lisboa: Imprensa Nacional, 2002, p. 489-500.

³ BRAZ TEIXEIRA, A. “A aventura filosófica de Vicente Ferreira da Silva in FERREIRA DA SILVA, *Dialética das Consciências...*” Lisboa: Imprensa Nacional, p.7-34.

⁴ Id., *ibid.*, p.16-17.

⁵ Id., *ibid.*

Somos, diz o filósofo, em cada época, arrebatados por algo que nos transcende, pelas possibilidades “oferecidas pelos deuses”⁶, entendidos como “poder pulsional suscitador de paixões (...) liberdade superior (...) que ‘inaugura poeticamente um mundo’”⁷.

Na filosofia da mitologia de Vicente Ferreira da Silva,⁸ é através do *mito* que os deuses se revelam e que [sua] Fascinação⁸ se manifesta, como fulguração arrebatadora da consciência, instituindo o significado do mundo.

Na história humana, os diferentes tempos resultam de sucessivas teofanias, acessíveis através dos mitos – pensamento do Ser, pensamento simbólico, mediante o qual somos convidados a participar da celebração da divindade.

No *Diálogo do Mar*, quatro personagens estão presentes, conversando.

Quem são eles? George, Mário, Diana e Paulo. Personagens fictícios, cujas vozes se alternam: “Mário conduz socraticamente a conversa”⁹.

George é identificado, pela crítica, com *George Agostinho da Silva*, pensador português que veio ao Brasil em 1944, instalando-se no Rio de Janeiro e rumando depois para São Paulo. Vai para Argentina, em 1945 e Uruguai, onde leciona. Retorna ao Brasil, em 1947, instalando-se em São Paulo e depois mudou-se para o Itatiaia, onde fundou uma comunidade. Em 1948, vai para o Rio de Janeiro e em 1952 está na Paraíba, na Universidade Federal e ensinando também em Pernambuco.

Em 1954, ao lado de Jaime Cortesão, trabalha na organização da Exposição Histórica de IV Centenário da Cidade de São Paulo. Ou seja, entre 1944 e 1954, deu-se o contato estreito entre Agostinho da Silva e Vicente e Dora. Encontro fundamental, que os tornou amigos e estabeleceu convergências em suas reflexões sobre o mito e a poesia.

Mário, “que conduz a conversa”¹⁰, é o próprio Vicente; *Diana*, a poetisa Dora Ferreira da Silva, esposa de Vicente. Sua expressiva presença aparece através da personagem cujo nome latino remete à deusa *Ártemis*, irmã de Apolo, máscara divina da

⁶ Id., *ibid.*, p.30.

⁷ Id., *ibid.*, p.31.

⁸ Id., *ibid.*, p.33.

⁹ FERREIRA DA SILVA, V. “Diálogo do Mar” *in id.*, *O. C.*, vol.2 ,p. 493.

¹⁰ Cf. nota 6.

própria poetisa e uma das figuras míticas importantes, reiteradamente celebrada em sua obra¹¹.

O outro personagem, *Paulo*, provavelmente é Milton Vargas, o amigo de Vicente e Dora, engenheiro com trabalhos de grande repercussão, professor da Universidade de São Paulo, filósofo da ciência e da tecnologia, mas também homem de extraordinária sensibilidade em relação à poesia e à meditação sobre a arte. Nesse personagem também podem estar presentes referências às qualidades e teses de Eudoro de Sousa, estudioso português que aqui chegou em 1945. Filólogo e amigo de Agostinho da Silva, tradutor de textos clássicos e de Heidegger, foi fundador do Centro de Estudos Clássicos da UNB.

Os temas comuns, que emergem na conversação entre os personagens e que constituem o fulcro do *Diálogo do Mar*, são o exame da possibilidade do surgimento, em nossa época, de uma nova racionalidade que conduza à superação da crise instaurada por chamaram de “filosofia intramundana“, pensar da “razão técnica”, “mito científico-industrial” que impera em nosso tempo.

O ponto de partida do diálogo é a contemplação do mar, que evoca, segundo *George*, a unidade entre a natureza e a vida, de que os seres humanos são uma expressão. A metáfora do mar como Vida Primordial, na qual estamos mergulhados, é celebrada por *Diana* e recebe de *Mário* a indicação da *razão* da convergência de todos: “é preciso superar o velho mundo do humanismo antropocêntrico (...) ampliarmos o horizonte do acessível à nossa experiência”¹²; e de *Paulo*, o reconhecimento de que os une “é a celebração das liturgias cósmicas”¹³ mediante a superação da concepção vigente da *natureza*, como já fora assinalado por Heidegger em *Ser e Tempo*¹⁴. O mundo em que vivemos seria apenas um dos mundos possíveis, abertos por uma matriz transcendente, que nos ultrapassa¹⁵.

¹¹ Veja, por exemplo, o último livro da poetisa publicado quando esta vivia; *Hydrias*, São Paulo: Odisseys; foi agraciado com o Prêmio Jabuti.

¹² FERREIRA DA SILVA, V.O.C., vol.2., p. 494- 495. A fonte é o verso de Rilke: “viver em círculos crescentes”.

¹³ Id., *ibid.*, p. 494.

¹⁴ Id., *ibid.*, p.495.

¹⁵ Id., *ibid.*,.

George evoca Lawrence, para reiterar a identificação do indivíduo com a vida cósmica¹⁶; *Diana*, por sua vez, afirma pressentir que outros “eus”, outras possibilidades da vida estão presentes nela, podendo corresponder, no plano interno, às múltiplas significações do mundo, que tornam possível experimentarmos “modos desconhecidos de ser”¹⁷, como assinalaram, diz ela, Rilke, Artaud, Valéry e Pound, dentre outros.

Paulo, a partir da concepção de Ser, em Heidegger, recusa a perspectiva panteísta de Dora. Perspectiva análoga é exposta por *Mário*, que sem o explicitar, remete a Heidegger, ao afirmar que o patentear-se do ente implica uma ocultação do Ser, e que tudo – a materialidade do mundo, “os sons de uma sinfonia”, são tributários de “uma iluminação transcendental”, de modo que “todo ente (...) é ‘constituído’”, dela emergindo¹⁸.

Diana intervém, novamente, dizendo o significado e o valor da poesia: desvendar a verdade, entendida como apreensão da unidade do real, pela *linguagem*. É ao Rilke das *Elegias de Duino* – que Dora traduziu e comentou¹⁹ . dos *Cadernos de Malte* a que ela se refere, para assinalar a descoberta, na poesia contemporânea, de novas possibilidades de realização do humano.

Paulo valoriza o testemunho de Rilke, visto como um mestre por todos os participantes do diálogo. E fala da superação da estreiteza existencial em que vivemos ,mediante a abertura de novas possibilidades de ser. Assinala que estas só poderão emergir “sob o império de uma nova mitologia (...) de um novo universo prototípico”. A filosofia é discurso sobre o mito; examina a irrupção iminente de uma nova concepção de mundo, o surgimento “de um novo regime de Fascinação”²⁰.

Diana evoca a filosofia oriental, mencionado “o véu de Maya”²¹, que oculta o verdadeiro significado do mundo, ou seja que oculta o Ser, enquanto fundamento da totalidade em manifestação.

Concepção análoga aparece através de *Paulo* e *Mário*, que se apoiam na meditação sobre o Ser, em Heidegger. Paulo assinala também passagens da *Física* de

¹⁶ Id., *ibid.*, p. 494.

¹⁷ Id., *ibid.*, p.496.

¹⁸ Id., *ibid.*, p. 499.

¹⁹ RILKE, R. M. *Elegias de Duino*. P. Alegre: Ed. Globo, 1972 (Tradução e comentários de Dora Ferreira da Silva).

²⁰ FERREIRA DA SILVA, V.O.C., vol.2, ., p. 500-501.

²¹ Id., *ibid.*, p. 502.

Aristóteles, nas quais o Estagirita mostra que “a atualização de uma coisa pode dar-se em outra (...) o ensino, atividade do mestre, se realiza efetivamente no aluno”²². Por analogia, busca esclarecer, a partir da tese aristotélica, a relação consciência-mundo, tal como a fenomenologia a apresenta. Recorrendo ao conceito de *intencionalidade*, aplica às teses husserlianas a respeito da correlação consciência-mundo, não mais à consciência *epistêmica* (como Husserl propusera) mas à *consciência emocional*. Esta, assim como a consciência epistêmica, é compreendida como “uma estrutura essencialmente intencional, um transcender contínuo em relação ao objeto”. Por isso, diz ele, as coisas aparecem ao homem “como possibilidades que falam ao [seu coração] (...) [nele] implantado através de uma fascinação omnímota (...)”²³. Entendendo nosso corpo como algo que decorre da exteriorização da vontade e do desejo, Paulo afirma ainda que “nossa existência corpórea é o reverso da Fascinação originária”²⁴. E, não mais na senda da *Física* aristotélica, mas recorrendo à *teoria da relatividade* einsteiniana, fala de “uma lei de dualidade (...) em função de duas séries de possibilidades ônticas (...) referidos ao ‘continuum’ do apetecível (...) temos um corpo (...). Mas o corpo só existiria como relação (...) como exteriorograma do desejo (...) *campo expressivo* [onde se dá] a desocultação (...) de polos numinosos (...)”²⁵. É através de nós que se tornam presentes “as grandes formas religiosas (...) as (...) emersões do Ser”²⁶.

Filósofo, Mário é apontado como *irmão* de Diana. Ora, na mitologia grega, o irmão de *Ártemis* é *Apolo*, deus da sabedoria, que faz da Filosofia “arte das musas” como já dizem a grande tradição órfico-pitagórica e Platão.

Enquanto os outros personagens vão para o mar, Mário fica na casa, fazendo anotações de que foi discutido. Para ele, a filosofia é vida à margem, contemplação. E sua meditação diz que vivemos no alvorecer de um novo tempo, o do Ser compreendido como Fascinator, como “o indutor de um campo afetivo, o deflagrador de um mundo de possibilidades patéticas”²⁷.

²² Id., *ibid.*

²³ Id., *ibid.*, p. 502-503.

²⁴ Id., *ibid.*, p. 503.

²⁵ Id., *ibid.*, p. 503-504.

²⁶ Id., *ibid.*, p. 504.

²⁷ Id., *ibid.*, p. 505.

George citando os versos de Saint-John Perse – que Dora traduziu – afirma que o coração do homem celebra a Vida divina, que todos os sujeitos individuais são “máscaras da Vida” una²⁸ e que cumprimos um destino, traçado por essa Vida.

Paulo reafirma: “Na Origem estão os deuses”; assistimos “a uma nova rotação da roda do Divino”²⁹, identificado, este, com o que amamos em nós ou fora de nós, revestindo todas as coisas de uma nova dignidade; concorda com *Diana, Mário, George*³⁰.

Em nós, “seres do limiar”, que só “podemos pressentir a sombra das coisas por vir”³¹, diz *Mário*, a superação da civilização técnica que conhecemos nos libertará do “ideograma científico-construtivo”, abrindo possibilidades ao surgimento de uma nova maneira de ver, uma nova concepção de Deus, uma nova relação do homem com o mundo.

O Ser na sua plenitude não manifesta, é a Origem, Noite Antiquíssima, o desconhecido no qual todo “elemento inconsciente e metaconscienciológico encontraria agasalho”, afirma *Diana*, acompanhada por *Paulo* e por *Mário*. Os personagens mencionam explicitamente Schelling e Walter Otto, como referenciais dessa concepção.

O que as fontes poéticas, religiosas a filosóficas nas quais se inspiram indicam, é o que os leva à formulação de uma filosofia de mitologia, em Vicente; e à celebração dos deuses, na poesia de Dora. Eles nos ensinam a difícil espera e onde devemos ancorar nosso coração: na proposição de um novo sabor de vida, na invocação dos aspectos do Sagrado que ainda não conhecemos, mas cujo avizinhar-se podemos pressentir.

O *Diálogo do Mar* formula, através da conversação dos personagens, teses centrais da filosofia da mitologia de Vicente Ferreira da Silva: a crítica da sociedade técnica, a recusa do humanismo antropocêntrico, a concepção do Ser como o Fascinator, a descrição do filósofo e do poeta como contemplativos, que apreendem a profunda mudança histórica que testemunham. Mostra as fontes desta perspectiva na tradição poético-filosófico em que se apoiavam: o romantismo alemão, sobretudo em Schelling; a meditação heideggeriana sobre o Ser; a fenomenologia de Husserl e a fenomenologia

²⁸ Id., *ibid.*.

²⁹ Id., *ibid.*, p. 506.

³⁰ Id., *ibid.*.

³¹ Id., *ibid.*, p. 507.

da religião de Otto, Kerényi: - no que diz respeito à filosofia. Na literatura, a poesia de Novalis, Rilke, Saint-John Perse, o teatro de Artaud, o romance de Lawrence.

A versão estritamente discursiva da filosofia da religião proposta por Vicente Ferreira da Silva acha-se reiterada em quatro textos, todos do ano de 1962; mesmo ano do *Diálogo do Mar*. São eles: “A natureza do simbolismo”; “A origem religiosa da cultura”; “Liberdade e imaginação”; “Religião, salvação e imortalidade”³².

Suas teses, assim como os trabalhos que representam a mais original contribuição de Vicente, escrita entre 1954 e 1962, reunindo estudos sobre Filosofia da Mitologia e da Religião³³, aponta para uma filosofia do simbolismo, defendendo a prioridade do mito sobre o logos, uma vez que, para ele, o “Logos ata-nos ao já oferecido, o Mito transporta-nos para o domínio desvelante primordial”³⁴: o desconhecido, a Noite primeira, misteriosa, que tudo contém e que Vicente menciona no *Diálogo do Mar*.

O poetar- pensante de Dora Ferreira da Silva, por sua vez, traduz-se numa esplêndida obra que inclui ensaios, contos, traduções impecáveis dos grandes poetas, cursos dados em sua casa, a direção da revista *Diálogo* -- que dividia com Vicente e Milton Vargas -- e, após a morte de Vicente, a direção da revista *Cavalo Azul*. Sua obra poética se espraia em diversos livros, nos quais a temática associada aos deuses antigos está presente. Destacamos aqui: *Uma via de ver as coisas*, de 1973; *Talhamar*, de 1982; *Poemas da Estrangeira* de 1955³⁵, os quais, editados com outras obras, sob o nome da *Poesia Reunida*, recebeu o Prêmio da Academia Brasileira de Letras; e em *Hydrias*³⁶, último livro editado em vida pela poetisa, que recebeu o Prêmio Jabuti.

O *Diálogo do Mar* é contrapontado por outro diálogo, o *Diálogo da Montanha*, sem indicação de datas, no qual os mesmos personagens que aparecem no *Diálogo do Mar* aprofundam a caracterização da prioridade do mito sobre o logos, a meditação sobre o valor da linguagem simbólica, ampliando a referência a poetas do romantismo alemão e a outras fontes filosóficas.

³² Id., *O. C.*, vol.1, p.369-397.

³³ Id., *ibid.*, p.299-397.

³⁴ id., *O. C.* vol. 2, “Diálogo da Montanha”, p.522.

³⁵ FERREIRA DA SILVA, D. *Poesia Reunida*. Rio de Janeiro, Topbooks, 1999.

³⁶ Id., *Hydrias*. São Paulo: Odysseus, 2004., .

Essas concepções, que Vicente partilha com Dora, expõem os laços espirituais que mantiveram entre si e com seus amigos, companheiros da aventura do pensar.